

“O NOBRE EDUCADOR” DA BAHIA: TRABALHO, CIDADANIA E SOCIABILIDADES (1870-1922)

*BAHIA “NOBLE EDUCATOR”: WORK, CITIZENSHIP AND
SOCIABILITIES (1870-1920)*

SANTOS, Sivaldo dos Reis*

<https://orcid.org/0000-0002-4797-377X> 

RESUMO: A historiografia recente da escravidão e do pós-abolição no Brasil tem avançado seus estudos sobre as experiências de trabalhadores negros livres no período em que ainda vigorava a escravidão. Nesse sentido, apresentamos neste artigo a trajetória do professor negro Elias de Figueiredo Nazareth que desempenhou, ao longo de sua vida, um trabalho bastante significativo como professor e diretor da Escola Normal da Bahia. Nossa pretensão ao apresentar as experiências profissionais do Elias Nazareth, é contribuir com novas análises investigativas que possam dar maior visibilidade historiográfica aos trabalhadores negros que vivenciaram momentos sociais de tensão e mudanças entre o fim do século XIX e começo do XX. Para a construção deste texto, foram consultados na Hemeroteca Digital Brasileira: jornais, revistas e relatórios de autoridades públicas na área da educação na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Elias de Figueiredo Nazareth; trabalhadores negros; sociabilidades.

ABSTRACT: The recent historiography of slavery and post-abolition in Brazil has advanced its studies on the experiences of free black workers in the period when slavery still prevailed. In this sense, we present in this article the trajectory of the black professor Elias de Figueiredo Nazareth who performed throughout his life a very significant job as a teacher and director of the Escola Normal da Bahia. Our intention in presenting the professional experiences of Elias Nazareth, is to contribute with new investigative analyzes that can give greater historiographic visibility to black workers who experienced social moments of tension and changes between the end of the 19th century and the beginning of the 20th. For the construction of this text, it was consulted in the Hemeroteca Digital Brasileira: newspapers, magazines and reports of public authorities in the area of education in the second half of the 19th century and in the first decades of the 20th century.

Keywords: Elias Nazareth; black workers; sociability.

* Mestre em História Social - Universidade Federal da Bahia. E-mail: srsvaldosa321@gmail.com.

“O NOBRE EDUCADOR”

O nobre educador, professor Elias de Figueiredo Nazareth, tão conhecido da sociedade baiana, faz anos hoje. Competência real, ilustração sólida, inteligência esclarecida, com muita dignidade e critério dirige o antigo estabelecimento de ensino Instituto Normal.¹

A data era 20 de julho de 1914, o *Gazeta de Notícias* trouxe na primeira página do seu periódico uma foto do professor Elias Nazareth e ao lado estas considerações que destacamos na citação acima. Mas, quem foi este educador merecedor de todos estes elogios? O que exatamente ele realizou na área da educação pública? Quais foram as suas redes de sociabilidade? São questões que passaremos a destacar nas próximas páginas.

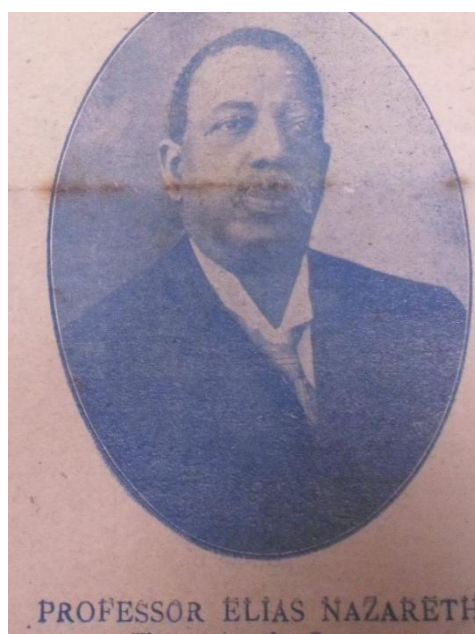
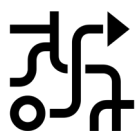


Figura 1: Elias Figueiredo Nazareth
Fonte: *Gazeta de Notícias*, 20/07/1914, p.1

O registro de batismo do professor Elias Nazareth não foi localizado, também não tivemos a sorte de encontrar informações sobre a sua família, nesse sentido, ficamos sem saber se ele nasceu livre ou se foi um liberto. É mais provável que tenha nascido livre e que sua família ou algum padrinho tivesse recursos para sustentar seus estudos, porque o ensino secundário não era um nível de ensino amplamente disponível para as classes sociais mais pobres em Salvador na segunda metade do século XIX. Miguel Luiz da Conceição

¹ *Gazeta de Notícias*, 20/07/1914, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira



argumenta que o ensino secundário, preparatório para o ingresso nas Faculdades, era geralmente reservado as elites que assumiam o comando político e econômico da província. Nesse sentido, caso Elias Nazareth fosse um liberto, seria um caso bem particular (CONCEIÇÃO, 2007, p.46).

As fontes sobre Nazareth relatam apenas informações sobre a sua experiência como educador, e é sobre este consistente conjunto de informações que trataremos neste texto. Em fevereiro de 1871, Elias de Figueiredo Nazareth recebia o seu diploma de *aluno-mestre*, termo de época que significava a habilitação do profissional de educação para a ministração de aulas. Ao longo de toda a sua vida profissional, Elias trabalhou como professor na Escola Normal, uma instituição escolar pública que ofertava o ensino secundário na cidade. A escola admitia ambos os sexos, mas as salas de aulas eram separadas, existia espaços anexos para homens e mulheres. Nesta instituição, Elias Nazareth lecionava as disciplinas *métodos teóricos e práticos, desenho linear e português*. A trajetória de vida deste profissional foi fortemente marcada pelo trabalho desenvolvido dentro da *Escola Normal de homens*.

Professor atuante no sentido de discutir os problemas e soluções para o ensino público na cidade, Elias Nazareth estivera na Primeira Conferência Pedagógica realizada em Salvador em dezembro de 1875. O evento aconteceu no Liceu Provincial e contou com as participações do então Diretor Geral da Instrução Pública da Província, José Eduardo Freire de Carvalho, dos membros do Conselho Superior de Instrução, e muitos outros professores públicos da Bahia. Neste evento, Elias Nazareth foi nomeado secretário do Conselho Superior de Instrução, era a sua primeira honraria, mas viriam outras ao longo de sua vida profissional.²

Ainda na década de 1870, Elias recebeu diversas menções honrosas por parte das autoridades públicas na área de educação em função do trabalho que o professor desenvolvia em sala de aula. Em geral, se destacava nos Relatórios dos Trabalhos do Conselho Interino do Governo da Bahia, elogios ao aprendizado adquirido pelos estudantes do professor Nazareth e a “ordem e o zelo que se notava em suas escolas”.³

Preocupado com os métodos de ensino na cidade, em 1875, Elias escreveu um *Compêndio de Desenho Linear*. O *compêndio* é um livro que reuni informações relativas a uma área específica de saber. O professor José Joaquim de Palma, membro do Conselho Superior

² Fonte: Relatórios dos trabalhos do Conselho Interino do Governo da Bahia. Ano: 1875, p.263. Hemeroteca Digital Brasileira.

³ Relatórios dos Trabalhos do Conselho Interino do Governo da Bahia. Ano: 1877, p.140. Hemeroteca Digital Brasileira.



de Instrução Pública da província da Bahia e Diretor da Escola Normal, teceu elogiosas considerações a respeito do trabalho do professor Elias Nazareth, ele argumentou o seguinte: “tenho a honra de apresentar minha opinião a respeito do compêndio de desenho linear do professor Elias de Figueiredo Nazareth, de sua utilidade e adoção para as escolas normaes”. José Joaquim argumentou ainda que faltava um material didático desta natureza na província, neste sentido, pontuou que: “o compêndio do professor Nazareth preenche bem esta lacuna, que coligi da leitura que dele fiz”.⁴

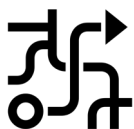
Este compêndio de desenho linear foi lido por outro importante professor e personagem na história da Bahia, Manuel Raimundo Querino (1851-1923). Em 1923, o artigo de Querino: *Os homens de cor preta na história* foi publicado na revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Neste artigo, ele fez um estudo sobre a biografia de 38 homens negros que, na sua concepção, tiveram uma importância significativa para a história da Bahia e do Brasil. Ao destacar o professor Elias Nazareth, Querino revelou algumas informações até então desconhecidas pelo autor deste artigo, como por exemplo, algumas notas que Nazareth escreveu sobre a história do Liceu Provincial, que na Primeira República passou a denominar-se Ginásio da Bahia, e a informação de que o professor Nazareth foi comissionado pelo ministério do império para estudar os progressos do ensino primário nas Repúblicas do Prata.⁵

Não temos razões para desconfiarmos das informações reveladas por Querino no que diz respeito a pesquisa elaborada pelo professor Elias Nazareth a serviço do governo imperial. Como demonstraremos ao longo deste texto, no período da Primeira República, este professor viajava por outros estados estudando e copiando os modelos de ensino de outras escolas, mas, por hora, vamos continuar destacando algumas ações do professor ainda na segunda metade do século XIX.

Em novembro de 1879, Elias Nazareth elaborou uma cartilha de *ABC*, mas dessa vez, seu trabalho foi consistentemente criticado por um jornalista anônimo que trabalhava na redação do jornal *O Monitor*. De acordo com as argumentações do jornalista, o trabalho do professor Nazareth não passava de uma cópia da *Cartilha Maternal* criada por um professor

⁴ O Monitor, 08/08/1876, p.2 Hemeroteca Digital Brasileira.

⁵ QUERINO, Manuel R: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009, p.193. Maiores informações sobre o Manuel Raimundo Querino, VER: ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro. O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; LEAL, Maria das Graças de Andrade. Manuel Querino entre letras e lutas (1851-1923). Tese de doutorado em História Social defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004; GLEDHILL, Sabrina. Travessias no atlântico negro: Booker T. Washington e Manuel Raimundo Querino. Editora Funmilayo Publishing, 2008.



de Portugal cujo nome era João de Deus. O autor argumentou do seguinte modo: “a carta de ABC do sr. professor Nazareth era pelo menos desnecessária, pois o que nela há de bom não passa de cópia da cartilha maternal, mas cópia tímida”. Com base na leitura atenta que fez da cartilha do professor, o autor foi apontando os erros: “começando pelas vogais, o sr. Professor Nazareth segue exatamente a cartilha de João de Deus, e parece segui-la ainda quando apresenta por sua vez cada consoante, formando com elas as palavras que já constituir-se podem”.⁶

Mas ao concluir a sua crítica, o jornalista do *O Monitor*, chamou atenção para a importância que o professor Elias Nazareth tinha nos meios intelectuais da cidade e respeitosa e argumentou o seguinte: “o Sr. professor Nazareth sabe em que conta temos a sua inteligência e proficiência, pode, portanto, ouvir de nossos lábios a verdade em toda a sua franqueza, sem experimentar o ressentimento injusto a que se entregam os espíritos vulgares”.⁷ Não sabemos exatamente se o professor cujo trabalho foi criticado ficou ressentido, mas sabemos que ele respondeu, e *O Monitor* destacou a sua réplica nas primeiras páginas do seu jornal.

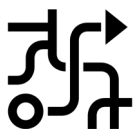
O Monitor fez questão de destacar primeiro que foi o próprio professor Nazareth que enviou para a redação do jornal um exemplar da cartilha do ABC esperando dos jornalistas críticas e recomendações sobre o seu trabalho, algo muito comum na época. Em sua carta dirigida à redação do jornal, Elias Nazareth explicou que estudou diversos autores que vinham elaborando cartilhas sobre o ABC e ratificou que o seu trabalho era original no sentido de propor “inovações, que lacunas vinha preencher”. Este argumento era exatamente a questão central do debate, na medida em que, para “os jornalistas” do *O Monitor*, o trabalho do professor Nazareth seguia as diretrizes metodologias de outras cartilhas.⁸

A crítica do jornalistas do *Monitor* ao trabalho desenvolvido pelo professor Nazareth refletia em grande parte o momento histórico-social que vivia a província da Bahia na segunda metade do século XIX. No dia 4 de março de 1870, foi aprovada a resolução n.1.116 que estabelecia a primeira Reforma Educacional da província. Segundo o historiador Jucimar Cerqueira dos Santos, a partir da implementação desta reforma crescia nos meios intelectuais da cidade a crença iluminista de que a educação era a base fundamental para o

⁶ O Monitor, 20/11/1879, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira.

⁷ Ibid; op. cit

⁸ O Monitor, 30/11/1879, p.1. Hemeroteca Digital Brasileira.



progresso nacional e o exercício da cidadania.⁹ Nesse sentido, a partir da década de 1870, ocorreu na província da Bahia um progressivo aumento de escolas noturnas para trabalhadores, em sua maioria, escolas para as pessoas negras livres e libertas¹⁰.

Parte da imprensa e alguns intelectuais na província acompanhavam o trabalho que era realizado na área da educação pública, sobretudo, no nível da escolarização primária que era obrigatória. Nesse sentido, a cartilha do *ABC* escrita pelo professor Nazareth era motivo de interesse por parte de algumas pessoas letradas que defendiam a importância de novas ferramentas de ensino para o aprendizado das primeiras letras em um país que, segundo o censo de 1872, chegava a 80% da população analfabeta (SANTOS, 2018, p.22). O político Rui Barbosa (1849-1923) era um dos críticos, em 1886, ele escreveu se referindo ao ensino primário que “tudo era mecânico e inútil, a criança representava o papel de recipiente passivo de formulas, definições e sentenças”.¹¹

O que para nós é mais importante destacar neste artigo é o investimento intelectual do professor Nazareth que pesquisava e elaborava ferramentas didáticas que pudessem ajudar a qualificar o ensino e o aprendizado ainda na década de 1870, em um contexto de escravidão. Embora a criação de escolas noturnas já fosse uma realidade e o crescimento de movimentações abolicionistas também, a Bahia continuava um dos principais centros escravistas do império. Portanto, o lugar social que este professor, “homem de cor” ocupava na Escola Normal era uma realidade que chama atenção pelo seu protagonismo.

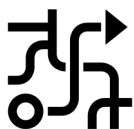
A despeito das críticas recebidas, Nazareth continuava fazendo um bom trabalho na Escola Normal de Homens. Em 1878, alguns alunos desta instituição se reuniram com a finalidade de cobrar do presidente da província Henrique Pereira de Lucena (1835-1913) “necessidades de algumas medidas relativas ao ensino”. Na ausência do diretor da Escola, Joaquim José de Palma solicitou ao professor Elias Nazareth que ficasse responsável pela reunião dos alunos.¹² Já em 1882, o próprio professor Nazareth junto com uma comissão de outros professores, elaboraram um abaixo assinado endereçado ao presidente da província,

⁹ SANTOS, Jucimar Cerqueira. Escolas noturnas para trabalhadores na Bahia (1870-1889). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018. VER: LUZ, José Augusto Ramos. Um olhar sobre a educação na Bahia: a salvação pelo ensino primário (1924-1928). Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, 2009, pp.131-154

¹⁰ CONCEIÇÃO, Miguel Luiz. O aprendizado da liberdade: educação de escravos, libertos e ingênuos na Bahia Oitocentista. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, 2007.

¹¹ LUZ, José Augusto Ramos. Um olhar sobre a educação na Bahia: a salvação pelo ensino primário (1924-1928). Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, 2009, pp. 127-128.

¹² O Monitor, 12/04/1878, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira.



o objetivo foi cobrar do poder público novas mobílias escolares para as escolas públicas primárias da província, assinaram o abaixo assinado: o Diretor Geral da Instrução Pública da Bahia, José Joaquim de Palma, o professor Antônio Bahia da Silva Araújo, Antônio Pacifico Pereira, professor da Faculdade de Medicina, e Francisco dos Santos Pereira.¹³ Não sabemos se as reivindicações dos professores foram atendidas, mas consideramos importante destacar a agência política do professor Nazareth no sentido de se mobilizar coletivamente em função de uma melhor estrutura das escolas públicas.

Foi uma trajetória bastante intensa que o professor Elias Nazareth viveu na Escola Normal de Homens nos últimos anos do império. E este empenho continuou nas primeiras décadas do século XX. Em 1891, ele também trabalhava como professor no Colégio S. Luiz Gonzaga que ficava localizada no Largo do Pelourinho e funcionava no sistema de internato e externato, sob a direção do conêgo João Nepomuceno de Souza. Elias lecionava a disciplina português.¹⁴

Nos primeiros anos do regime republicano, a Escola Normal passou por algumas alterações no quadro de disciplinas que eram ofertadas no regime imperial e estas mudanças parecem não ter agradado o professor Elias Nazareth. Em 1896, ele elaborou uma petição direcionada as *Comissões de Constituição e Legislação de Instrução Pública da Bahia* reclamando pelo fato de ter sido aposentado de ministrar a disciplina: *métodos teóricos e práticos* que foi substituída pela disciplina *de pedagogia*. As Comissões examinaram a petição do professor Nazareth e decidiram encaminhar a questão para o Governo do estado.¹⁵ Esta é uma questão interessante, na medida em que as próprias Comissões tinham autoridade suficiente para negar a petição do professor Nazareth, mas, por que não o fizeram? Será que a longa experiência do professor no magistério intimidou a decisão das Comissões?

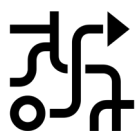
De todo modo, o professor Nazareth precisou acatar a decisão da legislação educacional do estado que substituiu a disciplina *métodos teóricos e práticos* por *pedagogia*.¹⁶ Mas Nazareth continuou trabalhando na instituição, e em abril de 1912, tomou posse como

¹³ Relatórios dos Trabalhos do Conselho Interino do Governo da Bahia. Ano: 1882, p.222. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁴ Outros professores que lecionaram neste Colégio, foram: João Angelo do Sacramento (Aula Primária), Job de Carvalho (Latim), Manuel C. Devoto (Francês), Belardino da Costa (inglês), Ludgero Pacheco (Geografia e História), Leopoldino F. Tantú (Matemática). Fonte: Jornal de Notícias, 28/01/1891, p.3 Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁵ Anaes da Câmara dos Senhores Deputados do Estado Federado da Bahia. Ano: 1896, pp.11-50 Hemeroteca Digital Brasileira

¹⁶ Anaes da Camara dos Senhores Deputados do Estado Federado da Bahia. Ano: 1895, p.258. Hemeroteca Digital Brasileira.



diretor da Escola Normal (que na Primeira República também era denominada de Instituto Normal). Depois de 40 anos de prática em sala de aula, sua gestão à frente desta instituição de ensino era bastante elogiada pelas autoridades públicas e pelos jornais de Salvador. O governador da Bahia Antônio Muniz Sodré Aragão (1881-1940), em mensagem a assembleia do estado reconheceu o trabalho que vinha sendo desenvolvido pelo professor e escreveu:

A Escola Normal, excelentemente instalada em edifício adequado, sob a competente direção de um dedicado diretor, professor Elias de Figueiredo Nazareth, e servida por ilustre corpo docente, precisa apenas do ponto de vista material de poucos melhoramentos.¹⁷

Os elogios ao profissionalismo do professor Elias de fato se justificavam, ele trabalhava com dedicação pela escolarização no estado. Em 1911, Nazareth participou do Congresso de Geografia realizado em São Paulo. Neste congresso, ele representou a Bahia com duas monografias destacando as características geográficas do estado. Como a Bahia ficou por um longo tempo sem representante no Congresso, a *Revista do Brasil* agradeceu a presença do professor exaltando suas qualidades intelectuais.

Uma das personalidades mais competentes e venerandas do professorado Bahiano, espírito altamente empreendedor, caracter probó, apreciado por todos aqueles que tem a felicidade de trata-lo por perto. O professor Nazareth, que há pouco tempo representou a Bahia, com brilho notável, no Congresso de Geographia, realizado em São Paulo, é lente Cathedrático do Instituto Normal, onde sabiamente ensina as sciencias de Strabão e Herodoto. Ao distinto philologo e historiographo, os nossos cumprimentos respeitosos de envolta com os fervorosos votos pela sua felicidade e de sua virtuosa consorte.¹⁸

Elias Nazareth visitava escolas em outros estados do Brasil como em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e copiava seus modelos de administração. Em 1913, este professor-diretor fez uma "remodelação das escolas anexas ao Instituto Normal" e substituiu o material pedagógico do instituto. O jornalista do *Gazeta de Notícias* que visitou a escola em 1913, fez um registro positivo do que viu.

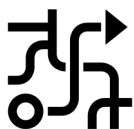
Hoje prazer uma visita ao Instituto Normal, onde se encontram salas confortáveis e espaçosas, salas próprias de estudo e de recreio, um bem cuidado jardim, onde a infância encontra a diversão, obedecendo tudo escrupulosamente aos conselhos dos modernos higienistas.¹⁹

A visita de jornalistas às instituições de ensino na Primeira República em Salvador era muito comum. Os olhares dos jornalistas eram mais direcionados para a higiene do

¹⁷ Mensagens do Governador da Bahia para a Assembleia, Ano: 1918, p.60 Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁸ Revista do Brasil, Ano: 1911, p.61 Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁹ Gazeta de Notícias, 05/04/1913, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira.



espaço escolar. Na maioria das vezes, os relatos davam conta de uma estrutura em que prevalecia o desconforto em sala de aula, precariedade do mobiliário escolar, odor e falta de ventilação. Nesse sentido, a descrição que fizeram do Instituto Normal em 1913, era uma realidade incomum na cidade.²⁰ Deve-se destacar o importante trabalho que realizava o professor Elias Nazareth, mais também existia um maior investimento financeiro dos poderes públicos com a educação secundária se comparada à educação primária, portanto, a maioria das escolas municipais que ofertavam o ensino primário estavam em estado de precariedade se comparadas aos institutos e ginásios que trabalhavam com a formação de professores (SILVA, 2018, p.68)

ELIAS NAZARETH E O CONGRESSO BRASILEIRO DE INSTRUÇÃO

Em julho de 1913, a Bahia sediou o terceiro Congresso Brasileiro de Instrução primária e secundária. Este evento reunia educadores de diversas regiões do Brasil para discutir temas relacionados a educação pública e privada. Elias Nazareth fez parte da comissão organizadora, ele ficou responsável pela tesouraria, ao lado dele na organização estiveram presentes: o presidente do Congresso, professor Arlindo Fragoso, o primeiro secretário Octaviano Moniz Barreto, e os professores Manoel Carlos Devoto (diretor do Ginásio da Bahia) e Ernesto Carneiro Ribeiro (diretor do Instituto Carneiro Ribeiro). O *Gazeta de Notícias* foi um dos periódicos que mais deram destaque ao Congresso, um dia antes do evento, este periódico destacou em sua primeira página os principais organizadores, dentre eles a foto do professor Nazareth e do presidente de honra, o Governador José Joaquim Seabra (1855-1942) que em 1913, estava vivendo o seu primeiro mandato.²¹

²⁰ SILVA, Fabiano Moreira. Professorado municipal de Salvador: queixas, crises e greve (1912-1918). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, 2017, p.68

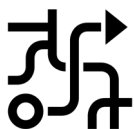
²¹ *Gazeta de Notícias*, 01/07/1913, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira.



Figura 2: Congresso Brasileiro de Instrução
 Fonte: Gazeta de Notícias, 01/07/1913, p.1

Nos meses que antecederam a realização do Congresso, Elias Nazareth seguramente estivera muito ocupado porque além de integrar a comissão responsável pelo evento, ele era o diretor da Escola Normal, local onde foi realizado o Congresso. Nesse sentido, era de sua responsabilidade zelar e administrar o espaço para que tudo ocorresse bem. Em junho, foram realizadas algumas obras na Escola, o salão nobre da instituição foi reformado, alguns cuidados foram tomados por parte do poder público para recepção dos educadores da Bahia e de outros estados.²² No dia 28 de junho chegaram a Salvador, o secretário do Conselho Superior de Ensino e Lente da Escola Normal do Rio de Janeiro, José Bernardino Paranhos da Silva; Gomes Freire, professor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte; Dr.

²² Gazeta de Notícias, 06/06/1913, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira.



Rodrigues Alves Pereira- Diretor do Ginásio de Campinas, e Mariano de Oliveira- Inspetor escolar em São Paulo.²³

Foram selecionadas 30 teses escritas pelos professores públicos em Salvador que seriam discutidas no Congresso. As teses foram separadas no nível do ensino primário (formação escolar para crianças e adolescentes) e secundário (formação escolar para adultos). Chama atenção o título de algumas teses aprovadas para discussão, destacamos algumas: “*Na obra da educação atual, a moralidade pública tem melhorado por efeito da escola ou da família?*”? “*A escola primária tem tido um caráter mais instrutivo que educativo: como corrigir este desvio e estabelecer o equilíbrio destas duas culturas pedagógicas?*”? “*A mulher precisa de mais ginástica do que o homem?*”?

O título das teses destacadas neste texto foram elaboradas por professores (as) do ensino primário, neste nível de ensino, grande parte dos profissionais eram mulheres. Em sua maioria, estas educadoras eram descendentes de famílias abastadas de Salvador na Primeira República.²⁴ As educadoras estavam diariamente trabalhando com crianças e jovens e percebiam algumas necessidades na relação ensino-aprendizagem como observamos no título das teses. Não sabemos se foi um professor do sexo masculino ou feminino que escreveu sobre *se a mulher precisa de mais ginástica do que o homem*, mas esta é uma questão muito interessante que revela as tensões da prática do ensino nas relações de gênero em Salvador nas primeiras décadas do século XX.

Pelo que descreveu o *Gazeta de Notícias*, periódico que apoiava politicamente o governador Seabra, o Congresso foi um sucesso. Um dia após a realização do evento, 3 de julho, este jornal lembrou aos seus leitores da ocasião importante em que o Congresso aconteceu: “a solenidade que ontem ao lado da gloriosa data do nosso inolvidável 2 de julho, empolgou o coração da família baiana, deverá perdurar, saudosamente nos espíritos de todos os seus assistentes, pois, foi brilhantíssima”. Não podemos assegurar se o congresso empolgou mesmo o “coração da família baiana”, mas este evento, sem sombra de dúvida, tivera uma importância significativa para o professor Elias Nazareth que se preocupava com o ensino público no estado e estava disposto a discutir suas melhorias.

²³ *Gazeta de Notícias*, 28/06/1913, p.2 Hemeroteca Digital Brasileira.

²⁴ SILVA, Fabiano Moreira. Professorado municipal de Salvador: queixas, crises e greve (1912-1918). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, 2017, p.48; COSTA, Ana Alice; CONCEIÇÃO, Héliida. Revolta dos resignados: a participação feminina na greve dos professores (1918-1919). IN SANDERBERG, Cecília et all. Fazendo Gênero na Historiografia Baiana. Salvador: NEIM/UFBA, 2001.



O PROFESSOR NAZARETH E A IMPRENSA BAIANA

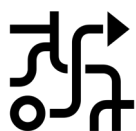
O leitor já deve ter percebido ao longo da narrativa deste artigo que o professor Nazareth era bastante elogiado pela imprensa de Salvador. Do Império à República, os adjetivos que se destacam nas fontes em relação a sua pessoa e ao trabalho que ele desenvolvia na Escola Normal são abundantes. Mas, existem algumas questões que não podem deixar de ser mencionadas neste texto: qual era o entendimento que o professor Elias Figueiredo Nazareth tinha sobre a sociedade baiana? Como ele se identificava racialmente? A imprensa baiana reagiria diferente caso Nazareth se posicionasse publicamente acerca das questões raciais de seu tempo?

Formulamos estas questões porque a historiografia recente do pós-abolição tem apresentado narrativas de alguns intelectuais e professores negros que ousaram se posicionar publicamente sobre sua própria identidade racial e ao mesmo tempo denunciavam práticas racialistas que identificavam. Um dos exemplos mais conhecidos é do professor Hemetério José dos Santos (1858-1939), um professor negro bastante conhecido no meio intelectual da cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX, cuja trajetória foi marcada pela defesa pública no que se refere à história negra no Brasil. Apesar de ter lecionado por longos anos em instituições escolares prestigiosas tanto no Império quanto na República, em 1917, Hemetério foi surpreendido com a notícia da expulsão de seu filho de uma escola administrada por religiosos e se mobilizou. Ele escreveu três cartas; uma dirigida ao presidente da República Venceslau Brás (1868-1966) outra ao ministro do Interior, e mais uma missiva ao diretor do Colégio São Vicente de Paula.²⁵

Aderaldo Pereira dos Santos, que examinou a carta de protesto do Hemetério dos Santos dirigida ao padre diretor do Colégio São Vicente de Paula, Guilherme Adrianus, destacou que este professor estendeu a sua crítica há outras escolas, além das religiosas, escreveu Hemetério: “não citarei os milhares de colégios de todo o paiz, por não vilipendia-los, nem de leve, evoluindo-lhes os nomes em tão nojenta e esporádica maneira de educar pela exclusão” (SANTOS, 2019, p.247).

Outro personagem conhecido pela historiografia é o advogado e político Monteiro Lopes que foi eleito deputado federal em 1909, mas precisou articular uma campanha

²⁵ SANTOS, Aderaldo Pereira. A arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos (1870-1930). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019, p.246. Outra referência sobre a trajetória do Hemetério José dos Santos, VER: SILVA, Luara dos Santos. “Etimologias Preto”: Hemetério José dos Santos e as questões raciais do seu tempo (1888-1920). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais. Rio de Janeiro, 2015.



nacional para ser diplomado no cargo. Grande parte dos políticos e da imprensa carioca argumentavam que houve fraude na eleição, quando na verdade estavam dissimulando o incômodo de ver um homem negro inserido no círculo do poder republicano. A historiadora Carolina Vianna Dantas destaca em seu texto uma série de imagens e textos que buscaram racializar a imagem do político Monteiro Lopes. As representações estereotipadas sobre o corpo e o intelecto do político negro revelavam o quanto boa parte das elites cariocas estavam afinadas com os discursos e práticas racistas que se disseminavam pelo Brasil em fins do século XIX e começo XX²⁶.

Em relação ao professor Nazareth, não identificamos nas fontes nenhuma representação estereotipada sobre a sua imagem. Suas fotos eram destacadas nas primeiras páginas dos periódicos e até mesmo as charges eram respeitadas, como identificamos na *Revista do Brasil* em 1911. Neste ano, Elias Nazareth era o diretor do Grêmio Literário da Bahia, uma instituição literária fundada em 1860 por jovens literatos de Salvador. Nos primeiros anos da República esta instituição recebia diversos eventos públicos na Rua Chile, em geral aconteciam declamações de poesias, apresentações de livros e de peças teatrais. Como era o diretor da instituição, cabia ao Elias Nazareth apresentar o literato que iria se apresentar, foi assim que aconteceu em 1911, e a *Revista do Brasil* traduziu o momento com uma charge que destacamos na figura 3.

²⁶ DANTAS, Carolina Vianna. Monteiro Lopes: "um líder da raça negra" na capital da República. Salvador: Afro-Ásia, 2010; DANTAS, Carolina Vianna. Eleições e mobilizações negras : o caso das viagens de Monteiro Lopes pelo Brasil (1909-1910). Histórias do Pós-Abolição no Mundo Atlântico v.I. Organizadores: Martha Abreu, Carolina V. Dantas, Hebe Mattos, Beatriz Loner, Karl Monsma. Niteói: Editora da UFF, 2014.

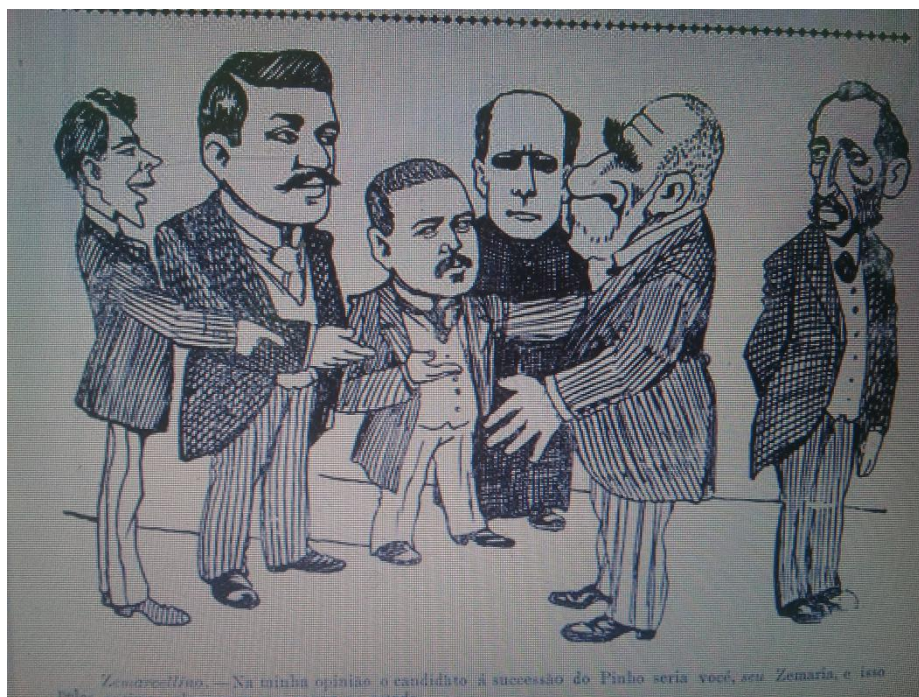


Figura 3: Charge do Elias Nazareth
 Fonte: Revista do Brasil, 1911, p.29

Na figura 3, observamos que o professor Nazareth está ao centro, acompanhado por cinco homens brancos. Como era o diretor do Grêmio Literário, Nazareth abriu a sessão e “depois passou a presidência ao dr. Arnaldo Damasceno Vieira”. De fato, observamos na charge que Elias está com o braço apontado para o dr. Arnaldo Damasceno que “depois de explicar o motivo daquela reunião e convidar para secretários os literatos Jackson Figueiredo e Aloysio Silva, deu a palavra ao venerando dr. Silio Boccanera”.²⁷ Toda esta série de apresentações e formalidades era para abrir o espetáculo da noite, que foi a leitura do primeiro drama do jovem literato e jornalista Altamirando Requião cujo título foi: “A queda do Gênio”. Segundo a *Revista do Brasil* o salão nobre do Grêmio Literário da Bahia estivera lotado, participaram deste evento; representantes da imprensa, comissões das Escolas Superiores e do Instituto Normal, membros da Academia de Letras e do magistério das academias, “e demais pessoas gradas”.²⁸ Não há na charge nenhum sinal estereotipado do físico do professor Elias Nazareth, como as revistas *Careta* e *Fon Fon* costumavam fazer com

²⁷ Revista do Brasil, 1911, p.29 Hemeroteca Digital Brasileira.

²⁸ Altamirando Requião nasceu na Bahia em 27 de agosto de 1893, além de escrever poesias e peças teatrais, em 1911, Altamirando trabalhava na redação da Revista do Brasil, o que justifica em grande parte o destaque dado por este órgão de imprensa ao evento no Grêmio Literário no dia 25 de julho do ano de 1911. Revista do Brasil, 1911, p.29 Hemeroteca Digital Brasileira.

o político Monteiro Lopes no Rio de Janeiro.²⁹ A representação do professor Nazareth na charge é semelhante aos demais; calçado e vestido com fraque, ele está no centro, na posição de um anfitrião que recepciona bem os seus convidados.

E por fim, o periódico *A Notícia*, trouxe em sua primeira página a foto do professor Nazareth ao lado dos 29 novos professores da Escola Normal em 1915. Na fotografia aparecem sentados os professores Alipio Franca, Golçalves da Cruz e ao centro Elias Nazareth.³⁰



Figura 4: Os novos professores
Fonte: *A Notícia*, 10/12/1915, p.1

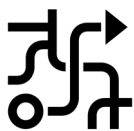
Como podemos observar na fotografia, são muitas estudantes recém- formadas *alunas-mestras*, 27 no total, e apenas 2 professores homens.³¹ A qualidade da fotografia não é boa, mas podemos observar o professor Nazareth, já bem idoso, sentado na frente.³²

²⁹ DANTAS, Carolina Vianna. Monteiro Lopes: "um líder da raça negra" na capital da República. Salvador: Afro-Ásia, 2010.

³⁰ *A Notícia*, 10/12/1915 Hemeroteca Digital Brasileira

³¹ Os nomes das professoras são: Ruth Vasconcelos da Silva, Noelia Vasconcelos da Silva, Almerinda Rodrigues Lucas, Aurea Almerinda dos Humildes, Maria Elisa Leonor de Souza, Rosa Soares Albergaria, Lindaura de Aguiar Travessa, Aurea Perreira Maltez, Rosalina de Cerqueira Lima, Lysia Rocha da Cruz, Adelina Ribeiro, Sylvia Ferreira de Britto, Palmira Balthazar da Silveira, Alice Alves Barreiras, Erothildes Dias Coelho, Almerinda Novis, Anita Honorina Ribeiro, Antonieta Cachoeira da Silva, Ana Cristina de Castro Cerqueira, Perpetua Fernando Trindade, Esmeralda Paraguassú da Silveira, Arlinda Fernandes Requião, Maria Madalena Pereira Fróes, Estelita Borges Moreira, Joana de Lourdes dos Anjos, Alzira Theonas de Santana, Ana Durvalina Muniz. E os dois professores: Oswaldo O. Dwyer e Manoel Amâncio da Purificação. Fonte: *A Notícia*, 10/12/1915, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira.

³² *A Notícia*, 10/12/1915, p.1 Hemeroteca Digital Brasileira.



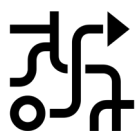
Portanto, o que há de comum entre os meios de comunicação impresso de Salvador que destacaram as fotos do professor Elias Nazareth na Primeira República foi o respeito demonstrado por este educador negro. Não devemos chegar a conclusões simples, como por exemplo, assegurar que a representação positiva da imprensa sobre a sua imagem tinha relação direta com o "silêncio" que Nazareth guardou sobre as questões raciais de seu tempo. Defendemos o argumento de que os elogios da imprensa estavam diretamente ligados ao trabalho que o professor Nazareth realizava na área da educação pública desde a segunda metade do século XIX.

De fato, os jornais e revistas que apresentamos neste texto não mencionam a cor do professor, não há nenhuma referência aos termos: *preto*, *negro* ou *homem de cor*. Nesse sentido, é possível concluir que a imprensa baiana produziu um apagamento da identidade racial do personagem em destaque neste artigo? Acreditamos que sim, mais também é importante destacar que, grande parte da imprensa de Salvador durante a Primeira República, silenciava a respeito das questões raciais, é bem raro localizar nas páginas dos jornais algum evento sobre a discriminação racial na cidade.

A pesquisa da historiadora Meire Lúcia Alves dos Reis constatou que os periódicos de Salvador reafirmavam cotidianamente a ideia de que não havia imposição de limites ao desenvolvimento do negro na sociedade, e quando os jornais reportavam-se a problemas raciais tinham em vista sempre outros países, em especial, os Estados Unidos (REIS, 2000, p.30).

No entanto, isso não significa necessariamente que o professor Nazareth não possa ter sofrido situações de constrangimento ou humilhações pelo fato de ser um homem negro, ou que ele próprio tenha se posicionado frente há alguma situação de discriminação racial dentro da instituição de ensino que lecionava. Na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, eram poucos homens negros lecionando na cidade do Salvador. No nível de ensino que o professor Nazareth atuava, o *ensino secundário*, a ausência de docentes negros era ainda maior. Seguramente as tensões raciais existiam e também faziam parte do cotidiano escolar da capital baiana (SILVA, 2017, p.111).

Portanto, existem algumas lacunas na trajetória de vida do professor Nazareth, sobretudo, no que se refere a questão racial, que ainda não são possíveis de serem desvendadas. As fontes consultadas revelam apenas suas múltiplas atividades na área da educação pública, "ocultando" outras questões relevantes na vida deste personagem importante para a história da educação pública na Bahia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 6 de novembro de 1922, o professor Elias Nazareth faleceu. O Conselho Superior de Ensino, do qual era membro, lhe prestou a seguinte homenagem: "O Conselho teve o pesar de ver desaparecer um de seus mais esforçados membros, cuja vida foi sempre dedicada ao magistério, prestando relevantes serviços por mais de quarenta anos".³³

Foi de fato uma longa trajetória na área do magistério, desde o período imperial, Elias Nazareth se mobilizava individual e coletivamente na perspectiva de qualificar o ensino e a estrutura da educação pública na cidade em que vivia. A elaboração de um compêndio de desenho linear, de uma cartilha de ABC, visita as escolas em outros estados, participações em congressos, são ações que denotam a agência de um homem que esteve muito preocupado com a cidadania e escolarização dos baianos. Portanto, considero que Elias de Figueiredo Nazareth é mais um personagem importante na historiografia da abolição do Brasil, na medida em que a sua rica trajetória nos informa sobre a agência de alguns educadores negros dentro e fora de sala de aula, militando contra um dos problemas centrais do país em fins do século XIX e começo do XX, o analfabetismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro. O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

CONCEIÇÃO, Miguel Luiz. O aprendizado da liberdade: educação de escravos, libertos e ingênuos na Bahia Oitocentista. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

COSTA, Ana Alice; CONCEIÇÃO, Héliida. Revolta dos resignados: a participação feminina na greve das professoras (1918-1919). Salvador: Neim/Ufba, 2001.

DANTAS, Carolina Vianna. Monteiro Lopes: "um líder da raça negra" na capital da República. Afro-Ásia. Salvador, n.41, p.167-209, 2010.

GLEDHILL, Sabrina. Travessias no atlântico negro: Booker T. Washington e Manuel Raimundo Querino. Editora Funnilayo Publishing, 2008.

LEAL, Maria das Graças Andrade. Manuel Querino entre letras e lutas (1851-1923). Tese de doutorado (Doutorado em Letras). Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

³³ Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros. Ano: 1922, p.182 Hemeroteca Digital Brasileira



Luz, José Augusto Ramos. Um olhar sobre a educação na Bahia: a salvação pelo ensino primário (1924-1928). Tese de doutorado (Doutorado em História Social). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

QUERINO, Manuel Raimundo. Seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009.

REIS, Meire Lúcia Alves. A cor da notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana (1888-1937). Dissertação. (Mestrado em História Social). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

SANTOS, Jucimar Cerqueira. Escolas noturnas para trabalhadores na Bahia (1870-1889). Dissertação. (Mestrado em História Social). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

SILVA, Fabiano Moreira. Professorado municipal de Salvador: queixas, crises e greve (1912-1918). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

SANTOS, Aderaldo Pereira. A arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos (1870-1930). Tese de doutorado. (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Luara dos Santos. "Etimologias preto": Hemetério José dos Santos e as questões raciais do seu tempo (1888-1920). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

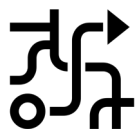
FONTES

Relatórios dos Trabalhos do Conselho Interino do Governo da Bahia. Ano: 1876, p.263 (Hemeroteca Digital Brasileira). Disponível em ><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=130605&pesq=Elias%20Figueiredo%20Nazareth&pasta=ano%20187&pagfis=8605>

Relatórios dos Trabalhos do Conselho Interino do Governo da Bahia. Ano: 1877, p.140 (Hemeroteca Digital Brasileira). Disponível em ><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=130605&pesq=Elias%20Figueiredo%20Nazareth&pasta=ano%20187&pagfis=8850>

Annaes da Câmara dos Senhores Deputados do Estado Federado da Bahia. Ano: 1896, pp. 11-50 (Hemeroteca Digital Brasileira). Disponível em ><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=236586&pesq=Elias%20Figueiredo%20Nazareth&pasta=ano%20189&pagfis=1789>

Annaes da Câmara dos Senhores Deputados do Estado Federado da Bahia. Ano: 1896, p.50 (Hemeroteca Digital Brasileira). Disponível em ><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=236586&pesq=Elias%20Figueiredo%20Nazareth&pasta=ano%20189&pagfis=1828>



Mensagens do Governador da Bahia para a Assembleia (BA). Ano: 1918, p.60. (Hemeroteca Digital Brasileira). Disponível em ><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=872989&pesq=Elias%20Nazareth&pasta=ano%20191&pagfis=3094>

Revista do Brasil. Ano: 1911, p.61 (Hemeroteca Digital Brasileira). Disponível em ><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=390062&pesq=Elias%20Nazareth&pasta=ano%20191&pagfis=3626>

Recebido em: 05/10//2020

Aprovado em: 05/12/2020